

Regime de Assad cai na Síria após mais de duas décadas

Rússia ratifica renúncia e concede exílio para o ex-ditador e sua família

/ GUERRA

A renúncia e a fuga do ex-ditador da Síria, Bashar al-Assad, foi ratificada pela Rússia, um de seus maiores aliados internacionais, neste domingo. A informação se deu horas após a conquista da capital, Damasco, por rebeldes, e confirma a queda do regime de mais de duas décadas do líder. Os insurgentes anunciaram sua entrada em Damasco na noite do sábado. Segundo eles, não havia sinal de presença do Exército sírio. O ditador sírio e a família fugiram para Moscou após rebeldes tomarem Damasco, informaram agências de notícias russas.

Relatos dão conta de que a tomada foi recebida com euforia pelos residentes da capital, com milhares de pessoas em carros e a pé se reunindo em uma praça central para agitar bandeiras e cantar pela liberdade após meio século de domínio da família Assad. Antes, centenas de detentos haviam sido libertados de um complexo prisional nos arredores de Damasco. Muitos habitantes invadiram o palácio presidencial, e alguns foram vistos saqueando o local.

Enquanto isso, o comando do Exército notificava os militares da queda do regime de Assad, disse um militar à agência Reuters sob anonimato. As forças negaram a informação oficialmente, dizendo que seguiam com as operações contra os “grupos terroristas” nas cidades de Hama e Homs, no centro, e na zona rural de Daraa, no Sul. Autoridades também afirmaram sob reserva que o Hezbollah, grupo islâmico libanês que por anos forneceu apoio crucial a Assad, retirou todas as suas forças de segurança da Síria no próprio sá-



População celebra fim de ditadura em cenário de incertezas

bado, quando os rebeldes se aproximavam da capital.

A queda de Damasco foi antecedida por rápidos avanços dos insurgentes em diversos pontos do território. Desde a invasão de Aleppo, no norte, no último dia 29, as defesas de Assad desmoronaram. Além dela e de Hama e Homs, foram tomadas Deir al-Zor, no leste, e Quneitra, Deraa e Suweida, no Sul. O HTS (Organização para a Libertação do Levante, na sigla em árabe), organização cuja origem remonta à rede terrorista Al Qaeda, tem sido a protagonista dos combates contra o Exército sírio, e assumiu a conquista das principais cidades de Aleppo, Hama e Homs. Mas a própria facção é uma coalizão de cinco milícias principais e seis, secundárias, que têm desavenças entre si.

A ressurreição observada na última semana e a facilidade com que ela derrubou as forças de defesa do regime impressionam. O conflito interno parecia basicamente congelado desde 2020. Naquele ano, a Turquia, que apoia os

rebeldes, e a Rússia, parceira de longa data da ditadura de Assad, acertaram um cessar-fogo entre os grupos que apoiavam no norte e nordeste do país.

A propalada queda de Assad se deve em parte ao atual contexto geopolítico. O regime sempre contou com seus aliados internacionais para subjugar os rebeldes. Bombardeios por aviões de guerra da Rússia eram frequentes, e o Irã enviou integrantes do grupo islâmico libanês Hezbollah e milícias iraquianas para reforçar o Exército sírio e atacar redutos de insurgentes. Mas Moscou tem se concentrado na Guerra da Ucrânia desde 2022, e o Hezbollah sofreu grandes perdas em sua própria guerra contra Israel, o que limitou consideravelmente a capacidade da organização e do Irã de auxiliar o regime.

O futuro do país, por sua vez, continua incerto, e instabilidade abre a possibilidade de que a guerra civil que matou 500 mil sírios e forçou o deslocamento de outros 6 milhões seja retomada com força total.

Presidente evita impeachment com manobra política

/ COREIA DO SUL

O presidente da Coreia do Sul, Yoon Suk Yeol, evitou o impeachment no sábado, depois que os aliados deixaram a sessão parlamentar antes da votação, frustrando os esforços da oposição para puni-lo por ter declarado lei marcial no início da semana. Uma multidão que acompanhou a decisão, no sábado, em frente ao Parlamento, aos pou-

cos, foi se esvaziando.

O impeachment exigia uma maioria de dois terços na Assembleia Nacional, composta por 300 cadeiras, mas menos de 200 parlamentares votaram a favor da moção, apresentada pela oposição. Se aprovada, a medida teria retirado imediatamente os poderes presidenciais de Yoon, um conservador. Parlamentares da oposição prometeram tentar novamente até

quarta-feira.

A votação sobre o impeachment visava punir Yoon por sua controversa decisão de declarar lei marcial, que o próprio presidente admitiu ter sido tomada em um momento de desespero. No entanto, a saída dos aliados deixou votos insuficientes no plenário. A oposição, com 192 votos, precisava de mais oito apoios do partido governista para aprovar a moção.

Reabertura da Catedral de Notre-Dame reúne líderes globais

/ FRANÇA

A pomposa reinauguração da catedral de Notre-Dame, cinco anos após o incêndio que quase a destruiu, serviu de pretexto para uma minirreunião de cúpula entre o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, e o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelensky, em Paris.

Trump e Zelensky se encontraram no palácio do Eliseu com o presidente da França, Emmanuel Macron, duas horas antes da cerimônia. Após uma troca de amabilidades com Macron, deu a entender que os conflitos mundiais em curso estavam na pauta da conversa: “Parece que o mundo está ficando um pouco louco neste momento, e falaremos sobre isso.”

Zelensky chegou uma hora depois. Na saída, disse que o triplíce encontro foi “bom e produtivo”. “Todos queremos que essa guerra acabe o mais cedo possível, e de

forma justa”, postou na rede social X. “Falamos sobre nosso povo, sobre a situação no terreno e uma paz justa”, acrescentou.

As portas da catedral foram formalmente abertas às 19h20min (15h20min de Brasília), quando o arcebispo de Paris, Laurent Ulrich, bateu nela três vezes com seu cajado. Na prática, porém, o público de convidados e VIPs já aguardava do lado de dentro.

Mais de 30 chefes de Estado atenderam ao convite do governo francês e assistiram à cerimônia. Entre eles estavam o príncipe William, herdeiro do trono do Reino Unido; o príncipe Albert, de Mônaco; e o presidente da Itália, Sergio Mattarella. O Brasil não enviou representante.

Ao adentrar a catedral, Zelensky foi muito aplaudido. Cumprimentou o presidente da Polônia, Andrzej Duda, um de seus maiores aliados. Cerca de 20 líderes globais estavam presentes.

Donald Trump defende cessar-fogo na Ucrânia e não descarta deixar a Otan

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, defendeu ontem um cessar-fogo imediato e negociações entre a Ucrânia e a Rússia para acabar com o que chamou de “a loucura” da guerra no Leste europeu. As declarações de Trump levaram o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, e o Kremlin a rapidamente listarem suas condições para uma eventual trégua.

Trump fez seus comentários poucas horas depois de se reunir com Zelensky em Paris, no que foi a primeira conversa presencial entre os dois desde sua vitória nas eleições nos EUA, em novembro. O republicano prometeu ao longo da campanha buscar uma resolução negociada para o conflito, mas até o momento não forneceu detalhes sobre como pretende fazê-lo.

“Zelensky e a Ucrânia gostariam de fazer um acordo e parar com a loucura”, escreveu Trump em sua conta na rede social Truth Social no domingo, acrescentando que Kiev perdeu cerca de 400 mil soldados no conflito. “Deve haver um cessar-fogo imediato e as negociações devem começar”.

“Eu conheço bem o Vladimir [Putin, presidente da Rússia]. Este é o momento dele para agir. A China pode ajudar. O mundo está es-

perando!”, acrescentou. O número de 400 mil soldados ucranianos perdidos na guerra mencionado por Trump foi dado por Zelensky e a princípio inclui tanto os militares mortos (43 mil) quanto os feridos (370 mil). Em outra afirmação que pode ter consequências para o conflito, Trump disse à emissora americana NBC que considera deixar a Otan, a aliança militar do Ocidente, caso os EUA não sejam tratados justamente e os demais sócios não paguem suas contas - o republicano defende que integrantes da aliança aumentem seus gastos com defesa desde o seu mandato anterior.

A Rússia, por sua vez, convocou uma teleconferência com jornalistas para comentar as falas de Trump. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse que Moscou está aberta a conversas, mas que elas devem ser baseadas nos acordos alcançados em Istambul há dois anos e nas realidades atuais do campo de batalha, onde as forças russas têm avançado em seu ritmo mais rápido desde os primeiros dias da guerra, em 2022. Putin disse repetidamente que um acordo preliminar alcançado entre negociadores russos e ucranianos nas primeiras semanas da guerra e nas conversas em Istambul, jamais implementado, pode servir como base para futuras negociações.